

## NO PAÍS DE OBAMA

**N**a sexta-feira em que saímos, nem deu tempo de ver a abertura das Olimpíadas. Eram 11 da manhã e àquela altura os chineses já deviam estar fazendo sua exibição de prosperidade, mostrando ao mundo qual seria a próxima potência, que tipo de país os Estados Unidos teriam que enfrentar no futuro.

Mas, antes disso, era preciso que os americanos resolvessem os problemas, cada vez mais fora de controle, dentro de casa. Enfrentavam, afinal, um bombardeio econômico que só se comparava à Grande Depressão dos anos 1930.

O mercado imobiliário tinha sido o pavio da demorada implosão.

Depois de subirem indefinidamente, pouco mais de um ano antes da eleição presidencial, os preços dos imóveis entraram num processo de queda vertiginosa que, até o dia das urnas, não dava sinais de terminar.

As casas de milhões de americanos valiam menos do que o restante das suas dívidas (por isso abandonar moradias e devolver as chaves aos bancos tinha se tornado rotina). Leilões de imóveis, lotados, faziam a alegria de quem havia poupado nos tempos de euforia e agora comprava casas por menos da metade do preço absurdamente alto de apenas alguns meses antes.

Lembro de um imigrante indiano, com seu turbante lilás, comemorando a própria esperteza num desses

leilões: “Poupei por muito tempo e agora ganhei um enorme desconto. É uma pena pelos que perderam, mas eu tenho que comemorar.”

Será que o problema dos americanos era falta de turbante?

A inflação era a mais alta dos últimos 27 anos. O petróleo — com os devidos ajustes inflacionários — estava mais caro do que nos choques dos anos 1970. (Depois, com a ameaça de recessão, foi caindo, caindo, caindo outra vez.)

Os imóveis contaminaram o sistema financeiro, e, em meio ao rolo compressor da falta de dinheiro para novos empréstimos, as ações de um banco gigante, o Bear Stearns, tinham sido vendidas pela metade do preço da gasolina (inicialmente, dois dólares por ação; depois, diante do ridículo preço, o Banco Central americano decidiu elevar o preço a dez dólares por ação; ainda assim, uma barganha).

Bancos imobiliários com nomes engraçados como Freddie Mac e Fannie Mae ganhavam as primeiras páginas dos jornais e recebiam o que para muitos economistas era uma acintosa ajuda federal.

Pouco antes das eleições, o Congresso seria convencido a aprovar um pacote de setecentos bilhões de dólares. Até onde contei, pouco antes da publicação deste livro, onze bancos tinham quebrado ou se reduzido a casas financeiras de menor importância.

Àquela altura, a escultura de bronze instalada nos arredores de Wall Street (presente de um artista italiano para simbolizar agressividade e prosperidade

financeira) mais parecia um touro em fuga. E, se o lamento americano não tinha um único culpado, tinha um excelente bode expiatório.

George W. Bush gozava de uma aprovação tão baixa que a imprensa aqui nos Estados Unidos a qualificava como “subnixoniana”, ou seja, pior até do que a popularidade do presidente Richard Nixon, o único, em toda a história dos Estados Unidos, que precisou renunciar para evitar um *impeachment*.

Em São Francisco, mais de doze mil pessoas tinham assinado um projeto de lei para dar o nome de Bush a uma estação de tratamento de esgotos. Homenagem?

As coisas andavam tão estranhas que os americanos, logo eles, começavam a questionar a globalização que tanto defenderam. A expressão da moda era “exportação de empregos” para a China; uma ladainha dos tempos modernos.

O então candidato Barack Obama falava em rever o NAFTA, o tratado de livre-comércio com o México e o Canadá. Uma calculada mistura de protecionismo e populismo. E não era estranho que o mesmo Obama tivesse aparecido em público com um livro com o sugestivo título de *O mundo pós-americano*.

Naquele momento, faltando três meses para as eleições, as campanhas esquentavam e o candidato John McCain lançou um anúncio na televisão dizendo que Obama era “a maior celebridade do mundo”, comparando-o às escandalosas Britney Spears e Paris Hilton (a primeira é cantora, a outra eu não sei bem o que faz).

Mas ainda estávamos no dia 8 de agosto de 2008.

A abertura das Olimpíadas de Pequim tinha um gosto amargo para uma grande parcela deprimida da população aqui nos Estados Unidos. A imprensa americana, que no começo ordenava o quadro de medalhas olímpicas pelo número de ouros, logo descobriu que seria mais interessante se a ordem de classificação fosse feita com base no total de medalhas. Nesse critério, o país deles ficava em primeiro (110 a 100).

Mas, no critério aceito pelo mundo inteiro, o das medalhas de ouro, os chineses ganhavam disparado (51 a 36).

Diante de um país cabisbaixo, com o orgulho ferido e atormentado por incertezas sobre o futuro, eu e o cinegrafista Sérgio Telles pegamos a estrada. Fomos à procura de retratos americanos, personagens que pudessem ajudar a entender o que estava acontecendo com a Super-América, poucos dias antes do fim da era Bush. Poucos dias antes de podermos afirmar, inequivocamente, que estávamos no país de Obama.



No que sobrou do Palácio de Justiça de Belmont, fomos recebidos pela sra. Paula. Paula mesmo, exatamente como no Brasil. Mas essa... uma americana sem partido definido. Às vezes, republicana; às vezes, democrata; com muito do pensamento libertário.

Paula faz parte do grupo de moradores de Belmont que só aparecem no verão, para receber a meia dúzia

de turistas que de vez em quando acampam por ali. Fez questão de contar que o último xerife da cidade foi morto com um tiro na cabeça, há mais de cem anos.

E na Belmont sem lei, a responsável pelo patrimônio histórico contou que tinha um trinta-e-oito: “Viajo muito sozinha”, ela explicou.

Mas, até aquele dia, Paula só tinha atirado numa cobra.

“Comprei a arma depois que um cara me seguiu na estrada... Ele estava na minha frente e foi diminuindo a velocidade do carro até me forçar a parar e se aproximou. Quando me dei conta, ele estava com as calças arriadas e aquele negócio balançando”, ela contou rindo, mas segura de que assim justificava a arma e a munição que acabava de nos mostrar.

Paula contou que tinha conseguido fugir do tarado na estrada e lamentou não ter uma arma para atirar nele. Onde seria esse tiro? “Bem naquela coisa que estava balançando... Era lá que eu ia atirar!”

Olhei para o relógio, fiz as contas e descobri que estava na hora de voltar para a estrada. Tínhamos que dirigir ainda uns setecentos quilômetros até o Arizona. Sérgio, nosso cinegrafista, já estava com o ombro doído de tanto arrastar aquela câmera debaixo do sol de Belmont.

Mas Henry Berg, um outro libertário favorável ao uso de armas, tinha mais cidade para mostrar. E fez questão de nos apresentar a Rick, o aposentado radical.

“Não tivemos um presidente decente desde Ronald Reagan. Um bom presidente... ele tem que brigar pelos

direitos dos americanos. E me desculpe se vocês são do Brasil, mas não devemos dar a mínima pros outros países, como fazemos hoje.”

Como Rick estava com uma enxada na mão, achei melhor não me arriscar na polêmica. Nem precisava.

“Temos petróleo bem aqui embaixo de nós e estamos comprando de fora. Damos ajuda pra outros países, damos isso, aquilo e gastamos todos os nossos dólares. Primeiro você ajuda o seu irmão, a sua família, e só então pensa em dar alguma coisa pros outros.”

Tá certo, Rick.

Henry quis que conhecêssemos também seu amigo Bob. Um californiano que vinha para Belmont nas férias à procura de tesouros. Mais um fantasma libertário?

Bob era republicano e passeava de um lado para o outro da montanha com um detector de metais. De vez em quando o equipamento apitava, avisando que tinha alguma coisa ali embaixo. Enquanto escavava, Bob contou duas coisas diferentes, com o mesmo orgulho. Primeiro sobre os tesouros do passado: “Encontrei ontem uma moeda de prata de 1842.” E, em seguida, sobre as agruras do presente: “Votei em Bush e continuo gostando dele; não é fácil ser presidente com tudo o que está acontecendo em nosso tempo.”

Assim como Henry, o caçador de tesouros também gostaria de voltar ao passado, ao tempo em que os americanos, segundo ele, tinham mais liberdades individuais.

“Não gosto do Obama porque ele é liberal... e os liberais gostam de tirar as nossas coisas e os nossos direitos.”

Em Belmont, o único voto de Obama foi o da sra. Paula, aquela que por pouco não atirou no badulaque do tarado.

---

O sol já ia baixando quando me chamou a atenção uma geringonça sobre rodas que descia a estrada a mais de cinqüenta quilômetros por hora. Era ainda um dos primeiros dias da viagem.

A bicicleta tinha três rodas enfileiradas. A terceira servia para sustentar um grande cesto, onde o ciclista solitário levava roupas e mantimentos.

Jean ia completar cinqüenta anos nos próximos dias e decidiu fazer uma viagem de três meses pelos Estados Unidos. Queria se desconectar da vida agitada de funcionário público de Washington (não a capital, o estado que fica no extremo noroeste do país, na fria fronteira com o Canadá, nada tão agitado assim).

“Você veio da Europa?”, ele quis saber.

“Não, sou brasileiro, muito prazer. Rodrigo!”

“Muito prazer!”, respondeu ele, “Sou Jean, ciclista radical... tenho cinqüenta anos... aliás, quase cinqüenta... tenho cabelos grisalhos e não sou particularmente um cara que gosta dos Estados Unidos.”

Eu não tinha perguntado nada daquilo. Mas, pelo tom da resposta, imaginei que o bigodudo com cara de

viking fosse um eleitor do Partido Democrata.

E Jean se aprofundou: “Odeio a nossa política externa, não gosto da guerra, não gosto de um monte de coisas.”

Além de radical, Jean se definia, sim, como democrata. Era, ainda segundo ele, progressista e liberal. E eu quis saber o que significava uma pessoa ser liberal.

“Alguém que não é cristão, que pensa por si próprio e questiona o que está acontecendo com o país. São pessoas que estão conscientes dos problemas com o meio ambiente e que não estão satisfeitas com essa guerra em que estamos metidos.”

E o que o ciclista radical teria então a dizer sobre os republicanos?

“Baseados em Jesus. Alguém que tem a mente limitada, que não sabe pensar sozinho.”

Em meio ao tiroteio verbal do nosso companheiro de estrada, sobraram palavras doces só para uma pessoa: Barack Obama, àquela altura, ainda candidato à dor de cabeça que agora enfrenta oficialmente na Casa Branca.

“Ele é um grande cara, é esperto. Ele é de ferro. Ele é um rapaz de ferro e sabe o que está acontecendo.”

Jean pediu licença porque precisava encontrar um hotel antes que escurecesse. Nós também precisávamos voltar para a estrada. E retomei o volante sem entender direito o que ele dizia com “rapaz de ferro”, mas, por outro lado, achando muito engraçado o ciclista radical apelidar Obama daquele jeito.